



SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia
Rua Real da Torre, 593, Madalena, Recife - PE
Tel.: 81.3087.2086 / Fax: 81 3445.1905
E-mail: sos@soscorpo.org.br
www.soscorpo.org.br

Apoio

gtz

Mulheres, a Vida no Semi Árido



Mulheres, a Vida no Semi Árido

MULHERES,

a Vida no Semi Árido

MULHERES, a Vida no Semi Árido

Organizadoras
Rivane Arantes e Vera Guedes

RECIFE 2010

Realização • SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia

Organização • Rivane Arantes e Vera Guedes

Revisão • Fabiano Gonçalves

Capa • Edson Corrêa de Araújo Júnior

Foto Capa • Arquivo Diaconia

Diagramação • Edson Corrêa de Araújo Júnior

Secretaria de Produção • Fátima Ferreira

Apoio • União Européia, EED e Oxfam Novib

Tiragem • 1000 exemplares

M000

Mulheres, a Vida no Semi Árido • Rivane Arantes e Vera Guedes
(Orgs.). Recife SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia,
2010.

100 p.

1. Nonono no Nono - Nonos nonononos • 2. Nononos no Nononos
- Nono • 3. Nononos no Nononos • 4. Nono no Nononos - Nono no
Nononos • 5. Nononos no Nono no Nononos • I. Arantes, Rivane • II.
Guedes, Vera

CDU 000

Edição • SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia

Rua Real da Torre, 593, Madalena, Recife - PE

Tel.: 81 3087.2086 • 81 3445.1905

E-mail: sos@soscorpo.org.br

www.soscorpo.org.br

SUMÁRIO

Apresentação

Rivane Arantes

Parte I

ACRESCENTANDO UM PONTO...
REFLEXÕES A PARTIR DAS MULHERES

00

A luta por justiça socioambiental na agenda
feminista:
visibilizando alternativas e fortalecendo
resistências

Juliana Malerba

Parte II

PENSANDO A PARTIR DO VIVIDO...
MULHERES EM RESISTÊNCIA

00

“Mulher e Natureza”: dos sentidos da
dominação no capitalismo e no sistema
patriarcal

Maria Betânia Ávila

APRESENTAÇÃO

Nome Autor

Saber e Poder é a poética do pensamento político-acadêmico produzido por Ivandro Sales em suas trajetórias de luta nos movimentos sociais, nos conselhos municipais, na educação popular e na universidade. A leveza da escrita e as provocações para uma reflexão crítica são a tônica desta obra que reúne vários ensaios e artigos e brinda o leitor com momentos de descoberta e de indagações.

Partindo da própria experiência de intervenção social e de estudos aprofundados, principalmente de Marx e Gramsci, aproxima teoria e prática, e convida para uma partilha de saberes construídos junto às comunidades, organizações, movimentos sociais e universidade, tendo em comum a dimensão educativa de aprender-ensinar percursos para uma sociedade mais justa. Assim traça de forma elegante um caminho de reconhecimentos mútuos em seu andar epistemológico, dentro das diversas vivências de luta que o forjaram militante de saberes democráticos.

Elenca temas importantes e atuais como ensino e comunidade, universidade e sociedade, análise de conjuntura, educação popular, juventude e cidadania, educação de adolescentes privados de liberdade, sociedade civil e estado, tensão entre democracia representativa e gestão democrática, instrumentos e estratégias da construção da hegemonia e da democracia, conselhos e gestão democrática, ambiente educador nas escolas, organização da educação brasileira, metodologia de aprendizagem da participação em trabalhos de assessoria a organizações e movimentos sociais, direito humano ao trabalho e reforma agrária no Brasil. Ao todo produz um panorama político-pedagógico que dá conta dos desafios da

contemporaneidade para a construção da democracia e da educação da sociedade brasileira em várias perspectivas.

O conjunto dos textos que compõem este livro tem uma preocupação central: refletir os modos dominantes de pensar e agir, a partir da discussão das estratégias de produção de hegemonia, ao mesmo tempo em que problematiza, aponta rumos e dá visibilidade aos modos subalternizados de poder/saber. Para isto propõe repensar educação em seus vários espaços - popular, escola, universidade e movimentos sociais - e os instrumentos e estratégias de democracia e de análise de conjuntura para se compreender o complexo cenário social onde ocorrem as disputas de poder na relação Trabalho e Capital. Discute ainda algumas questões da juventude inclusive, aquela cerceada de liberdade, contextualizada dentro do terreno da cidadania e da educação.

A importância de tratar e reunir estes temas em uma só obra é a de criar possibilidades de um trabalho interdisciplinar crítico, de maneira a contribuir para a construção de compreensões políticas sobre os temas acima referidos. Para trabalhar estas questões em sala de aula, este livro tem um significado especial, pois une elementos de teoria e de metodologia, munindo o/a professor/a de um material rico para fomentar o debate dentro de sala de aula, em vários cursos, já que são temas transversais e de relevância social, como a educação e a democracia, e podem servir de subsídios para a discussão com estudantes e professores dos cursos de pedagogia, sociologia, serviço social, administração, economia e para o trabalho de educação dentro dos movimentos sociais e demais organizações.

Como arma de luta contra a ingenuidade política e epistemológica, Ivandro Sales recupera antigos escritos e reescreve-os, a partir da reflexão crítica que rompe com as verdades estabilizadas e aponta os rumos para novas formas de pensar o campo de atuação dos movimentos sociais, da educação e da democracia. Saber e Poder é fazer das certezas, incertezas. É suspeitar dos consensos. É produzir novos saberes/poderes no campo das lutas sociais populares.

Por tudo isto, não hesito em recomendar a leitura deste livro, pois certamente muitos leitores/as irão se debruçar num novo mar de entendimentos pedagógicos, sociais e políticos, que os levarão a navegar

em mares nunca d'antes navegados. Como diz o poeta: “navegar é preciso, viver não é preciso”.

Parte I

Acrescentando um ponto...
Reflexões a partir das mulheres



NONO NONO NONO NONO NONO NO
 NONO NO NONONO NO NONONO:
 NONO NONONO NO NONONONO
 NONO NO NONO NONONO NO NONO

Vera Sobrenome

Na divisão social do trabalho, as escolas não são certamente instituições de Desenvolvimento de Comunidade, nem de execução ou coordenação de trabalhos de saúde, lazer, etc. São instituições de produção/reprodução/transmissão de conhecimentos e saberes². Devem, portanto ajudar a revelar, ou ocultar, determinadas dimensões da realidade em função de ajudar a afirmar, ou enfraquecer, determinados interesses na sociedade. Não há, portanto, produção de saber se não houver problemas e esclarecer, ou a ocultar. Deve-se, por isso mesmo, começar nas escolas a estudar problemas e não disciplinas, ou autores, ou manuais, ou textos pinçados de diferentes obras e de diferentes épocas do pensamento dos autores.

Aqui nasce a primeira exigência de aproximação ensino-comunidade: os problemas a serem esclarecidos e solucionados não devem ser inventados de forma tecnocrática ou autoritária. São problemas reais de interesses reais da sociedade. Serão identificados num processo de consultas aos interesses que queremos ver afirmados, ou reforçados.

Segue-se daí a segunda exigência de articulação escola-comunidade: o entendimento da origem e solução dos problemas se realiza pelo confronto entre os saberes diferenciados de professores, estudantes, comunidade, autores reconhecidos pela academia. Nenhum desses saberes é para ser

adivinhado, ou pressuposto. É para ser buscado.

Convém ir à comunidade para identificar, confrontar e aprofundar o saber que está no seu modo de viver e transformar a realidade. A produção de conhecimento exige, portanto, pesquisa junto à comunidade para saber o que conhecer e para, através do confronto de diferentes saberes, realizar o processo de produção de saber. A pesquisa e a ida à comunidade não são algo acessório, ou facultativo. São exigências do processo de produção do saber.

Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais.

Se não forem tomados em consideração os saberes de todos os participantes de um processo, dispensam-se e desqualificam-se fontes essenciais de produção do saber: o saber dos estudantes e o saber que vem da experiência e do estudo dos membros da comunidade. O próprio saber dos professores e autores, que é indispensável para o confronto de saberes, torna-se um objeto pobre de consumo e um instrumento de dominação. A separação artificial entre ensino, pesquisa e comunidade ao gerar uma ignorância, ou ilusão do saber, gera uma incapacidade de aprender e uma ignorância prepotente.

Que a insistência na relação obrigatória escola-comunidade não leve a esquecer os estudantes. Eles também são a comunidade. São portadores de problemas e saberes da comunidade e têm experiência e saber a tomar em consideração. Considerar seu saber, suas experiências, seus problemas, seu modo de batalhar a vida, já é um modo de realizar a relação escola-comunidade. Insisto nessa atenção aos estudantes por perceber que a preocupação com a relação escola-comunidade tem levado algumas

experiências a partir com toda força para fora da escola, abandonando e negando a importância da sala de aula.





NONO NONO NONO NO NONO NO
 NONONO NO NONONO:
 NONO NONONO NO NONO NO NONO
 NONONO NO NONO

Liliane Sobrenome

Na divisão social do trabalho, as escolas não são certamente instituições de Desenvolvimento de Comunidade, nem de execução ou coordenação de trabalhos de saúde, lazer, etc. São instituições de produção/reprodução/transmissão de conhecimentos e saberes². Devem, portanto ajudar a revelar, ou ocultar, determinadas dimensões da realidade em função de ajudar a afirmar, ou enfraquecer, determinados interesses na sociedade. Não há, portanto, produção de saber se não houver problemas e esclarecer, ou a ocultar. Deve-se, por isso mesmo, começar nas escolas a estudar problemas e não disciplinas, ou autores, ou manuais, ou textos pinçados de diferentes obras e de diferentes épocas do pensamento dos autores.

Aqui nasce a primeira exigência de aproximação ensino-comunidade: os problemas a serem esclarecidos e solucionados não devem ser inventados de forma tecnocrática ou autoritária. São problemas reais de interesses reais da sociedade. Serão identificados num processo de consultas aos interesses que queremos ver afirmados, ou reforçados.

Segue-se daí a segunda exigência de articulação escola-comunidade: o entendimento da origem e solução dos problemas se realiza pelo confronto entre os saberes diferenciados de professores, estudantes, comunidade, autores reconhecidos pela academia. Nenhum desses saberes é para ser

adivinhado, ou pressuposto. É para ser buscado.

Convém ir à comunidade para identificar, confrontar e aprofundar o saber que está no seu modo de viver e transformar a realidade. A produção de conhecimento exige, portanto, pesquisa junto à comunidade para saber o que conhecer e para, através do confronto de diferentes saberes, realizar o processo de produção de saber. A pesquisa e a ida à comunidade não são algo acessório, ou facultativo. São exigências do processo de produção do saber.

Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais. Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais.

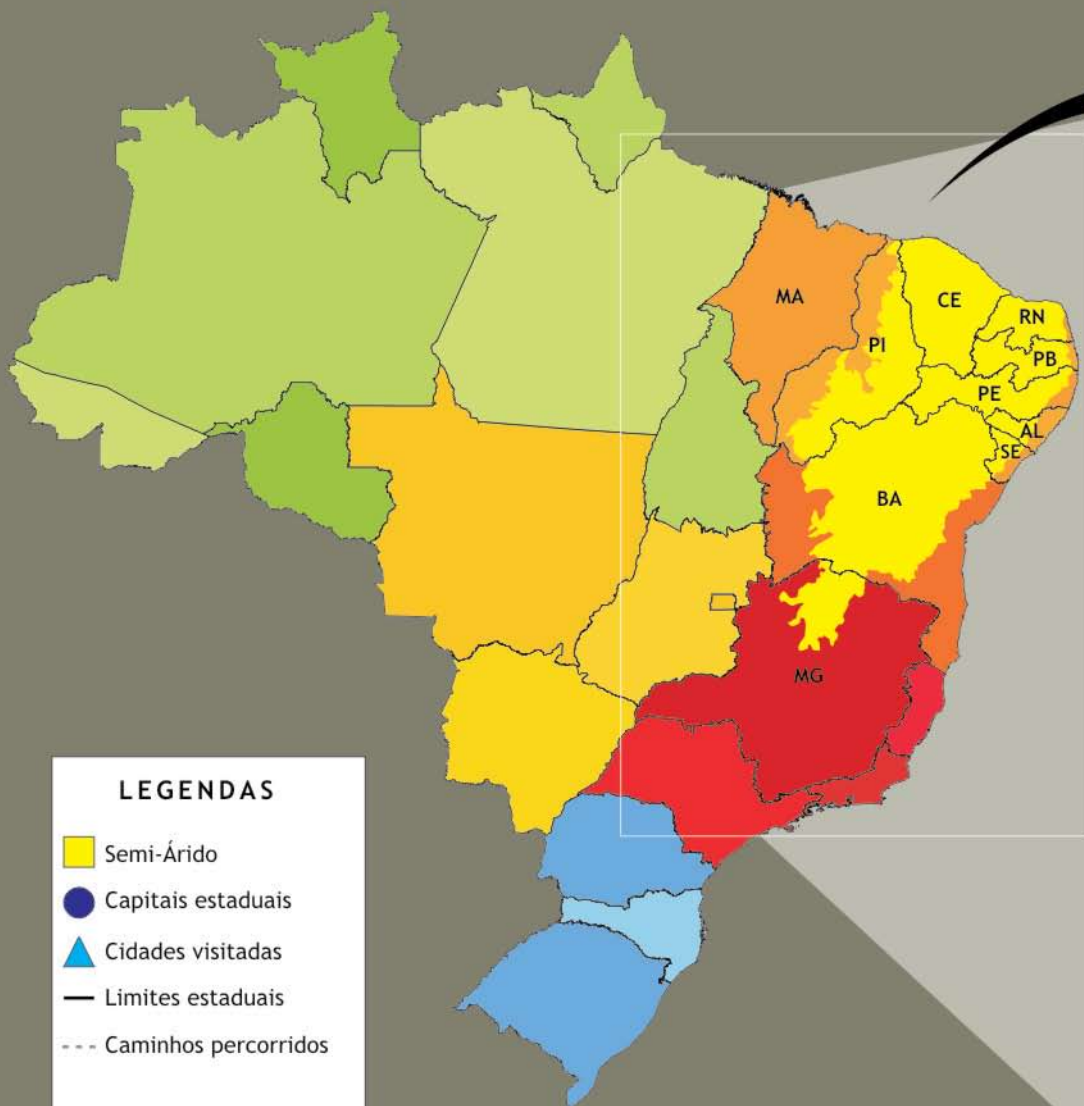
Se não forem tomados em consideração os saberes de todos os participantes de um processo, dispensam-se e desqualificam-se fontes essenciais de produção do saber: o saber dos estudantes e o saber que vem da experiência e do estudo dos membros da comunidade. O próprio saber dos professores e autores, que é indispensável para o confronto

de saberes, torna-se um objeto pobre de consumo e um instrumento de dominação. A separação artificial entre ensino, pesquisa e comunidade ao gerar uma ignorância, ou ilusão do saber, gera uma incapacidade de aprender e uma ignorância prepotente.

Que a insistência na relação obrigatória escola-comunidade não leve a esquecer os estudantes. Eles também são a comunidade. São portadores de problemas e saberes da comunidade e têm experiência e saber a tomar em consideração. Considerar seu saber, suas experiências, seus problemas, seu modo de batalhar a vida, já é um modo de realizar a relação escola-comunidade. Insisto nessa atenção aos estudantes por perceber que a preocupação com a relação escola-comunidade tem levado algumas experiências a partir com toda força para fora da escola, abandonando e negando a importância da sala de aula.





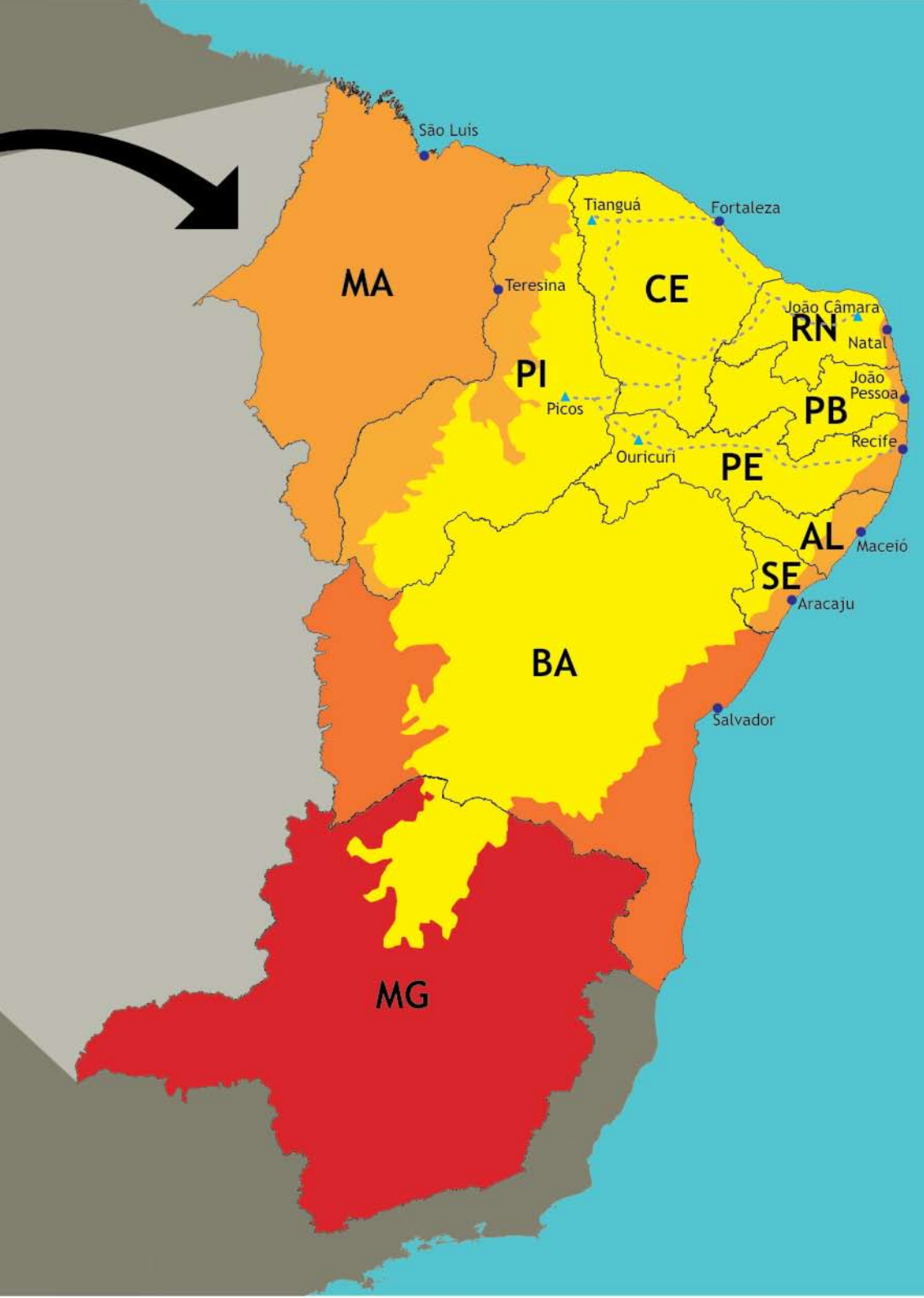


LEGENDAS

-  Semi-Árido
-  Capitais estaduais
-  Cidades visitadas
-  Limites estaduais
-  Caminhos percorridos

Regiões Brasileiras

-  Norte
-  Nordeste
-  Centro Oeste
-  Sudeste
-  Sul







Parte II

Nono no nonono...
Nono nonono no nonos nonono



NONO NONO NONO NO NONO NO
 NONONO NO NONONO:
 NONO NONONO NO NONO NO NONO
 NONONO NO NONO

Neudenis Sobrenome

Na divisão social do trabalho, as escolas não são certamente instituições de Desenvolvimento de Comunidade, nem de execução ou coordenação de trabalhos de saúde, lazer, etc. São instituições de produção/reprodução/transmissão de conhecimentos e saberes². Devem, portanto ajudar a revelar, ou ocultar, determinadas dimensões da realidade em função de ajudar a afirmar, ou enfraquecer, determinados interesses na sociedade. Não há, portanto, produção de saber se não houver problemas e esclarecer, ou a ocultar. Deve-se, por isso mesmo, começar nas escolas a estudar problemas e não disciplinas, ou autores, ou manuais, ou textos pinçados de diferentes obras e de diferentes épocas do pensamento dos autores.

Aqui nasce a primeira exigência de aproximação ensino-comunidade: os problemas a serem esclarecidos e solucionados não devem ser inventados de forma tecnocrática ou autoritária. São problemas reais de interesses reais da sociedade. Serão identificados num processo de consultas aos interesses que queremos ver afirmados, ou reforçados.

Segue-se daí a segunda exigência de articulação escola-comunidade: o entendimento da origem e solução dos problemas se realiza pelo confronto entre os saberes diferenciados de professores, estudantes, comunidade, autores reconhecidos pela academia. Nenhum desses saberes é para ser

adivinhado, ou pressuposto. É para ser buscado.

Convém ir à comunidade para identificar, confrontar e aprofundar o saber que está no seu modo de viver e transformar a realidade. A produção de conhecimento exige, portanto, pesquisa junto à comunidade para saber o que conhecer e para, através do confronto de diferentes saberes, realizar o processo de produção de saber. A pesquisa e a ida à comunidade não são algo acessório, ou facultativo. São exigências do processo de produção do saber.

Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais. Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais.

Se não forem tomados em consideração os saberes de todos os participantes de um processo, dispensam-se e desqualificam-se fontes essenciais de produção do saber: o saber dos estudantes e o saber que vem da experiência e do estudo dos membros da comunidade. O próprio saber dos professores e autores, que é indispensável para o confronto

de saberes, torna-se um objeto pobre de consumo e um instrumento de dominação. A separação artificial entre ensino, pesquisa e comunidade ao gerar uma ignorância, ou ilusão do saber, gera uma incapacidade de aprender e uma ignorância prepotente.

Que a insistência na relação obrigatória escola-comunidade não leve a esquecer os estudantes. Eles também são a comunidade. São portadores de problemas e saberes da comunidade e têm experiência e saber a tomar em consideração. Considerar seu saber, suas experiências, seus problemas, seu modo de batalhar a vida, já é um modo de realizar a relação escola-comunidade. Insisto nessa atenção aos estudantes por perceber que a preocupação com a relação escola-comunidade tem levado algumas experiências a partir com toda força para fora da escola, abandonando e negando a importância da sala de aula.



NONO NONO NONO NO NONO NO
 NONONO NO NONONO:
 NONO NONONO NO NONO NO NONO
 NONONO NO NONO

Sena Sobrenome

Na divisão social do trabalho, as escolas não são certamente instituições de Desenvolvimento de Comunidade, nem de execução ou coordenação de trabalhos de saúde, lazer, etc. São instituições de produção/reprodução/transmissão de conhecimentos e saberes². Devem, portanto ajudar a revelar, ou ocultar, determinadas dimensões da realidade em função de ajudar a afirmar, ou enfraquecer, determinados interesses na sociedade. Não há, portanto, produção de saber se não houver problemas e esclarecer, ou a ocultar. Deve-se, por isso mesmo, começar nas escolas a estudar problemas e não disciplinas, ou autores, ou manuais, ou textos pinçados de diferentes obras e de diferentes épocas do pensamento dos autores.

Aqui nasce a primeira exigência de aproximação ensino-comunidade: os problemas a serem esclarecidos e solucionados não devem ser inventados de forma tecnocrática ou autoritária. São problemas reais de interesses reais da sociedade. Serão identificados num processo de consultas aos interesses que queremos ver afirmados, ou reforçados.

Segue-se daí a segunda exigência de articulação escola-comunidade: o entendimento da origem e solução dos problemas se realiza pelo confronto entre os saberes diferenciados de professores, estudantes, comunidade, autores reconhecidos pela academia. Nenhum desses saberes é para ser

adivinhado, ou pressuposto. É para ser buscado.

Convém ir à comunidade para identificar, confrontar e aprofundar o saber que está no seu modo de viver e transformar a realidade. A produção de conhecimento exige, portanto, pesquisa junto à comunidade para saber o que conhecer e para, através do confronto de diferentes saberes, realizar o processo de produção de saber. A pesquisa e a ida à comunidade não são algo acessório, ou facultativo. São exigências do processo de produção do saber.

Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais. Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais.

Se não forem tomados em consideração os saberes de todos os participantes de um processo, dispensam-se e desqualificam-se fontes essenciais de produção do saber: o saber dos estudantes e o saber que vem da experiência e do estudo dos membros da comunidade. O próprio saber dos professores e autores, que é indispensável para o confronto

de saberes, torna-se um objeto pobre de consumo e um instrumento de dominação. A separação artificial entre ensino, pesquisa e comunidade ao gerar uma ignorância, ou ilusão do saber, gera uma incapacidade de aprender e uma ignorância prepotente.

Que a insistência na relação obrigatória escola-comunidade não leve a esquecer os estudantes. Eles também são a comunidade. São portadores de problemas e saberes da comunidade e têm experiência e saber a tomar em consideração. Considerar seu saber, suas experiências, seus problemas, seu modo de batalhar a vida, já é um modo de realizar a relação escola-comunidade. Insisto nessa atenção aos estudantes por perceber que a preocupação com a relação escola-comunidade tem levado algumas experiências a partir com toda força para fora da escola, abandonando e negando a importância da sala de aula.





Parte III

Nono nono no nono.
Nononos nono



NONO NONO NONO NO NONO NO
 NONONO NO NONONO:
 NONO NONONO NO NONO NO NONO
 NONONO NO NONO

Rivane Arantes

Na divisão social do trabalho, as escolas não são certamente instituições de Desenvolvimento de Comunidade, nem de execução ou coordenação de trabalhos de saúde, lazer, etc. São instituições de produção/reprodução/transmissão de conhecimentos e saberes². Devem, portanto ajudar a revelar, ou ocultar, determinadas dimensões da realidade em função de ajudar a afirmar, ou enfraquecer, determinados interesses na sociedade. Não há, portanto, produção de saber se não houver problemas e esclarecer, ou a ocultar. Deve-se, por isso mesmo, começar nas escolas a estudar problemas e não disciplinas, ou autores, ou manuais, ou textos pinçados de diferentes obras e de diferentes épocas do pensamento dos autores.

Aqui nasce a primeira exigência de aproximação ensino-comunidade: os problemas a serem esclarecidos e solucionados não devem ser inventados de forma tecnocrática ou autoritária. São problemas reais de interesses reais da sociedade. Serão identificados num processo de consultas aos interesses que queremos ver afirmados, ou reforçados.

Segue-se daí a segunda exigência de articulação escola-comunidade: o entendimento da origem e solução dos problemas se realiza pelo confronto entre os saberes diferenciados de professores, estudantes, comunidade, autores reconhecidos pela academia. Nenhum desses saberes é para ser

adivinhado, ou pressuposto. É para ser buscado.

Convém ir à comunidade para identificar, confrontar e aprofundar o saber que está no seu modo de viver e transformar a realidade. A produção de conhecimento exige, portanto, pesquisa junto à comunidade para saber o que conhecer e para, através do confronto de diferentes saberes, realizar o processo de produção de saber. A pesquisa e a ida à comunidade não são algo acessório, ou facultativo. São exigências do processo de produção do saber.

Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais. Há ainda uma razão forte para a articulação escola-comunidade: o saber produzido deve retornar para quem o produziu, para quem o solicitou e para quem, na sociedade, trilha caminhos convergentes para os mesmos objetivos.

Em síntese: ir à comunidade para saber o que estudar. Ir também para identificar, confrontar e aprofundar saberes. Ir, enfim, para socializar o resultado do processo de conhecer. Realiza-se assim a dimensão social da prática de produção do conhecimento, desde a definição do objeto a ser estudado, continuando no modo de produzir nova síntese através do confronto de saberes e enfim se completando, ao se colocar esta nova síntese ao serviço de esclarecimento e afirmação de interesses sociais.

Se não forem tomados em consideração os saberes de todos os participantes de um processo, dispensam-se e desqualificam-se fontes essenciais de produção do saber: o saber dos estudantes e o saber que vem da experiência e do estudo dos membros da comunidade. O próprio saber dos professores e autores, que é indispensável para o confronto

de saberes, torna-se um objeto pobre de consumo e um instrumento de dominação. A separação artificial entre ensino, pesquisa e comunidade ao gerar uma ignorância, ou ilusão do saber, gera uma incapacidade de aprender e uma ignorância prepotente.

Que a insistência na relação obrigatória escola-comunidade não leve a esquecer os estudantes. Eles também são a comunidade. São portadores de problemas e saberes da comunidade e têm experiência e saber a tomar em consideração. Considerar seu saber, suas experiências, seus problemas, seu modo de batalhar a vida, já é um modo de realizar a relação escola-comunidade. Insisto nessa atenção aos estudantes por perceber que a preocupação com a relação escola-comunidade tem levado algumas experiências a partir com toda força para fora da escola, abandonando e negando a importância da sala de aula.







Este livro foi projetado no inverno de 2010,
utilizando Chaparral Pro, impresso pela Provisual Divisão Gráfica,
para o SOS CORPO - Instituto Feminista para a democracia,
em sistema offset, papel Reciclato 75g (miolo) e
Reciclato 240g (capa).
Finalizado em agosto de 2010.

